

DESARMADA

ANO I.VOL 5, OUTUBRO 2019

FÁBRICA BRAÇO DE PRATA

EDITORIAL POR NUNO NABAIS

Num livro publicado em 1974, e que se tornou rapidamente um clássico, o historiador Philippe Ariès mostrava que a experiência da morte é tudo menos universal. É verdade que, em todas as épocas e em todas as civilizações, a morte se pode resumir a uma atitude de resignação face ao destino colectivo da espécie. Por isso, em qualquer lugar onde alguém morre se produz um mesmo vazio sem redenção. Rodeado pela família, pela aldeia, pelo mundo inteiro - ou na mais absoluta solidão -, aquele que morre encontra uma igualdade de condição que ultrapassa todas as diferenças sociais, todas as distâncias geográficas, todas as durações históricas. E, no entanto, como se mostra nesse livro História da Morte no Ocidente, os cenários de acompanhamento do moribundo e os rituais de luto que se seguem à morte são os lugares onde melhor se revela a singularidade de uma cultura e a especificidade de um período histórico.

Desde há alguns anos que a Fábrica faz do dia dos mortos um momento muito forte do nosso calendário. Porque trazemos muitas mortes na memória do edifício que ocupamos desde 2007, porque sabemos que, para a maioria dos habitantes de Marvila, a simples entrada no portão da antiga Fábrica de Material de Guerra traz em si uma dimensão fúnebre terrível, sentimos como um dever celebrar o 31 de Outubro. É como um ritual de purificação do lugar. Sem poder apagar os milhares de armas que aqui foram fabricadas - e sempre para guerras que não eram de legítima defesa - só nos resta trabalhar a morte como um problema ao mesmo tempo antropológico e político, transpondo-o para o domínio das artes e do festivo.

Mas, aqui, recusamos as banalizações do macabro propostas por Hollywood com as abóboras iluminadas e as máscaras de bruxas. Do mesmo modo, queremos ultrapassar as tradições do lúgubre que marcam o culto dos cemitérios em Portugal. Ao macabro e ao lúgubre contrapomos o insólito e o melancólico que pertencem a uma tradição muito antiga, a tradição do Divertimento.

A cultura do Divertimento constrói-se sobre uma experiência onde se misturam tão intimamente o medo da morte e o prazer sombrio de ter sido poupado à morte dos outros. É esta mistura de terror e de alívio que explica a importância da música e da dança. De facto, sabemos que, desde a sua raíz no renascimento italiano, a cultura do Divertimento elevou a música, na sua quase imaterialidade, a símbolo do medo diante do irrepresentável.
Em paralelo, a dança, o movimento cadenciado dos corpos, foi-se afirmando como a manifestação da vida, como a refutação da morte que se abatia sobre os outros.

Talvez tenha sido no México que esta fusão entre a música e a dança, como Divertimento contra a ideia de morte, tenha alcançado um enraizamento mais profundo nos rituais populares. Festejar o dia dos mortos na Fábrica segundo as tradições do México é, portanto, a forma mais intensa de afirmar a superioridade da cultura do Divertimento contra as tradições do macabro e do lúgubre. Por um dia, vamos rememorar todos aqueles que nos precederam e que, sem o saberem, nos incluíram no seu testamento.
Construiremos, como no México, altares. Serão dedicados aos filósofos e aos homens e mulheres que nos legaram ficções e filmes e que convocamos todos os dias para dar nomes às nossas salas. Ao trazermos música e dança para o dia dos mortos é também a afirmação de todas as linhas de vida que têm tornado possível a existência da Fábrica. Por isso, este número da Desarmada oscila entre a melancolia e a extravagância, acompanhando um mês que, antes da festa dos mortos, já no dia 12 de Outubro, celebra a vida do grande músico Fela Kuti, desaparecido em 1997.

Curso Livre de Filosofia Contemporânea da Fábrica Braço de Prata

curso

Deleuze e a Arte

com Roberto Machado

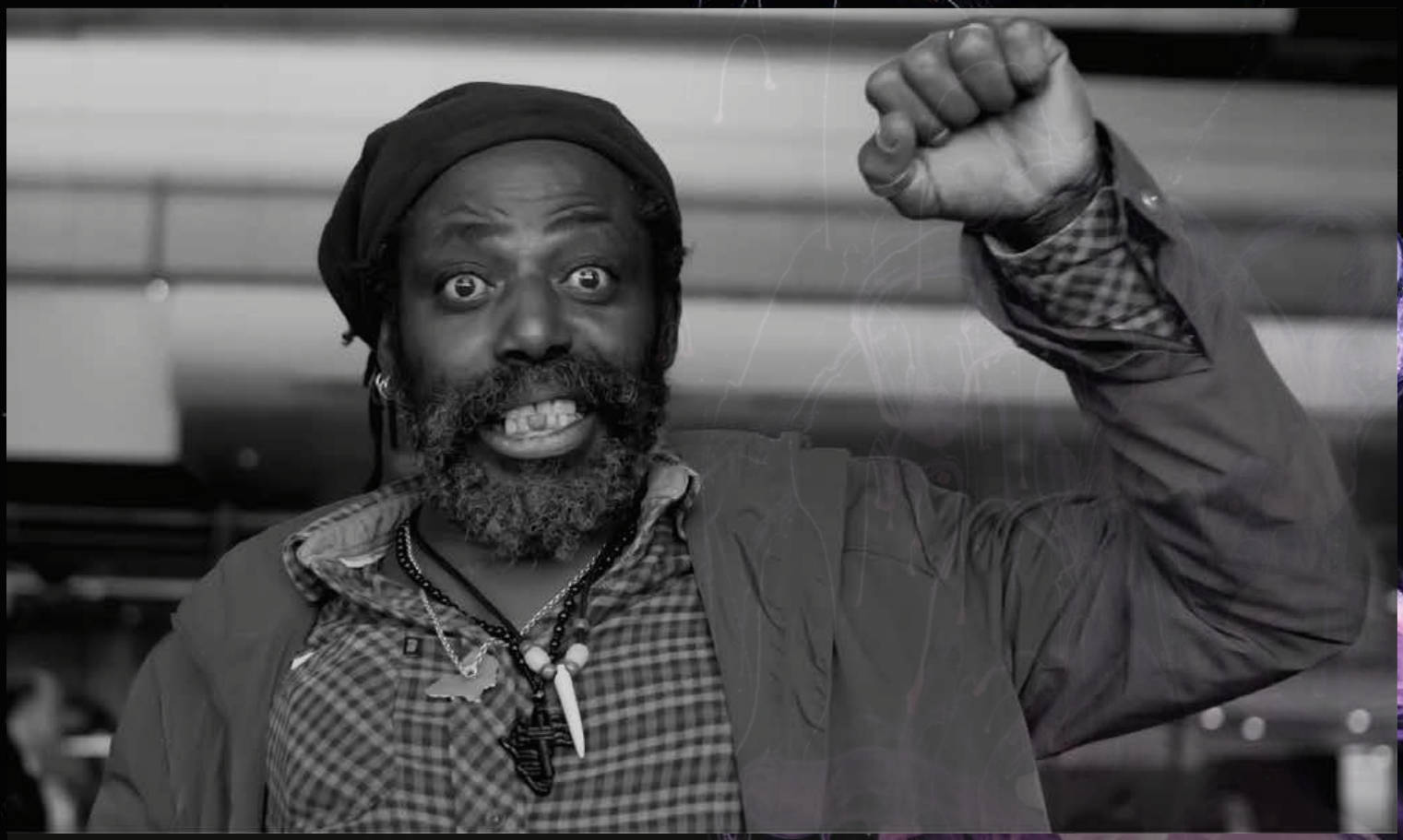
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Curso realizado entre
3 e 10 de outubro.
Clique nos títulos para
ver o seminário na
íntegra:

1. Deleuze e a Filosofia

2. Proust, o Amor e a Música

3. Deleuze e o Cinema



UM HOMEM SUPERLATIVO POR RAQUEL LIMA

A expressão "força da natureza" deixa de ser cliché ao ser atribuída a Oghene Kologbo. O multi-instrumentista nigeriano de 62 anos usa, para actividades das mais triviais, como conversar ou sorrir, a mesma energia que deve tê-lo credenciado a tornar-se guitarrista da Africa'70, primeira banda do icónico Fela Kuti. Kologbo tinha, então, 15 anos.

«Limpava a casa em que Fela Kuti estava e comecei a tocar num baixo eléctrico que encontrei. Foi quando surgiu uma oportunidade: o contrabaixista não estava. Fui chamado, toquei e, assim, me tornei um deles», revelou, com sinceridade desconcertante, durante conversa exclusiva à Desarmada. Era 1972, anos antes de "Kalakuta Show" - a primeira música que Kologbo gravou como integrante da Africa'70, ainda no baixo eléctrico.

O título de guitarrista só veio depois, bem como o de "tape recorder". Era do jovem Oghene a missão de se lembrar de todas as músicas compostas por Fela, como uma espécie de gravador. Não é só a memória nem o entusiasmo que são gigantes em Kologbo. «Tenho um irmão gémeo dentro de mim. Me divido em mais de 15», brinca. Este ícone musical - que tem o riso fácil, gesticula enquanto fala e não perde a oportunidade de dizer que as iniciais do próprio nome formam a palavra OK - transborda generosidade. Como a que o fez cruzar o oceano para tocar no Fela Day Lisboa, que decorre neste dia 12 de Outubro, na Fábrica Braço de Prata.

A entrevista a seguir, concedida no dia em que Kologbo ministrou um workshop de afrobeat, numa Sala Visconti lotada, é uma amostra de todos os adjectivos a ele atribuídos. Leia a seguir.



Dentre todos os projectos que gravou com o Fela Kuti, tens um preferido?

Ao contrário de Cristóvão Colombo, que não descobriu nada para si mesmo, encontrei algo para mim, a música. Meu pai era músico, tocava Orlando Julius e Fela Kuti, mas não queria ensinar-me...

Porquê?

Porquê? Não sei... Acho que ele queria que me tornasse um advogado ou algo importante, o que é uma forma de pensar muito africana. No entanto, eu tive uma oportunidade com o Fela e isso foi tudo. Toco desde 1972, até agora e até morrer. Eu toco tudo, toco a minha própria música, mas volto sempre ao afrobeat. Todo os lugares em que vou é "Fela, Fela".

Às vezes, é difícil? Digo, ser sempre associado a Fela?

Não (com ênfase). Não me sinto assim. Fela fez de mim o que sou. Educou-me, não a tocar o que ele fazia, mas a minha própria cena. Ensinou-me a ser eu mesmo. E é isso o que faço, como ele ensinou. E posso fazer como ele, então, estou feliz. Fela ensinou-me muito bem. Eu também ouvi muito bem o que meu pai fazia.

O Afrobeat tem uma base de activismo. Que causas o Oghene Kologbo defende?

Amo partilhar coisas. Viajo o mundo inteiro, Brasil, Argentina e partilho... Não se pode fazer música sozinho, não se pode subir ao palco sozinho. Então, para onde vou, deixo a música. Até estar morto.

Mas a música não morre, a música do Kologbo continuarão...

Eu quero que continue, mas por outras pessoas, outras e mais outras....

Partilhas por gratidão?

Sim. Todos os que quiserem usar canções minhas, que usem, sem medo. O meu pai deu-me muito. Fela deu-me muito. Recebi demais para guardar só para mim. Há músicos que guardam o que compõem com muito cuidado. Eu não. Qual é o problema de dares uma música a alguém se tens 20 músicas? Temos que dar oportunidades aos mais novos, aos jovens. E isso os políticos não fazem. Também eles gostam de guardar tudo, a cada quatro anos é guardar, roubar, roubar, roubar... Todo mundo mente.

O Kologbo tocou todos os instrumentos no último álbum, "Music no get enemy". Por que fez esta escolha?

Devido ao tempo. Quando convidas um músico para tocar, leva tempo até que tudo esteja pronto. Então, prefiro gravar sozinho e dar o material pronto para os ensaios. E, com o tempo, fazer workshops. A minha música vem de workshops. Para o workshop da Fábrica, criei uma música inédita...

O Kologbo compõe durante os workshops?

Todas as vezes em que faço um workshop, deixo uma música para que toquem, deixo rastros e não só memória. Para que toquem o que aprenderam, o que pagaram para aprender. Deixo uma, duas, três músicas... toda a minha vida é um workshop, é música.

ESCOLA MÚSICA
FÁBRICA BRAÇO DE PRATA

aulas de instrumento

Piano
Violino & Violeta
Contrabaixo
Violoncelo
Guitarra Clássica
Bateria
Canto
Percussão
Baixo eléctrico
Acordeão

Há vida para além do Jazz na nossa Escola

INAUGURAÇÃO ★ NOVA LIVRARIA ULMEIRO

Ulmeiro 50 anos de intervenção cultural 1969★2019



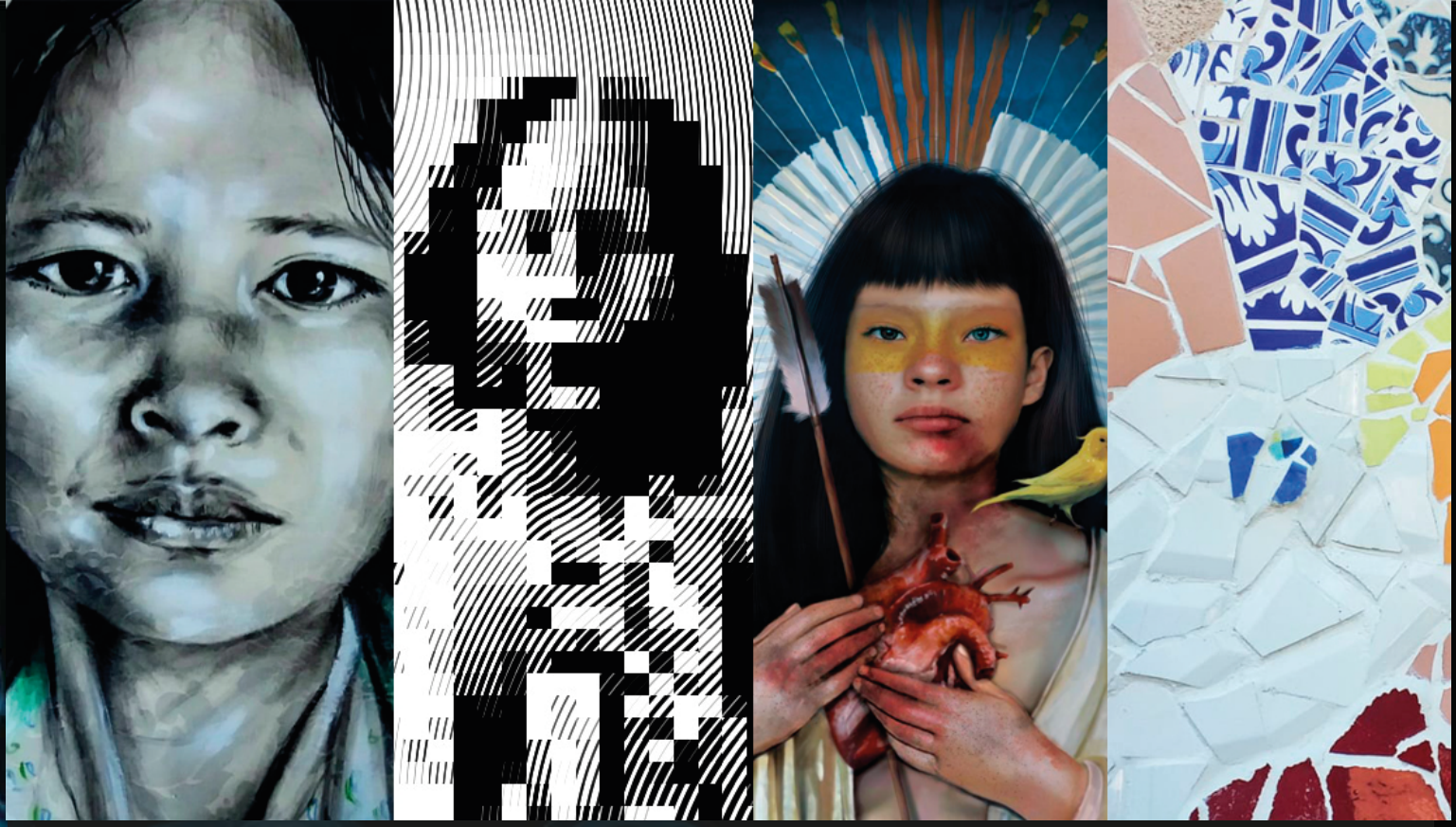
3.OUTUBRO.2019

QUINTA-FEIRA ★ 18:00H ★ FÁBRICA BRAÇO DE PRATA

Clique aqui para ver o Teaser do documentário Ulmeiro 50 Anos de Intervenção Cultural (1969-2019)

FÁBRICA BRAÇO DE PRATA

espaço ulmeiro



PANORAMA DE EXPOSIÇÕES POR ANITA PINTO

A Fábrica recebe em Outubro 7 novas exposições, além de um novo mural inaugurado no dia 3 na entrada da nossa Caverna Platão, projecto da residência artística dos tchecos Monika Chavancová e Karel Nosek.

Nas salas de exposição, começando pela Prado Coelho, recebemos "Embrulhos", de Madalena Pequito (PT). São telas que exploram as texturas, as cores e brincam com as perspectivas dos contentores, costumeiros guardiões de algo que precisa ser protegido e que são os responsáveis a dar aos seus objectos um tom especial. O embrulho perde o seu objectivo inicial e entra no papel do protagonista.

Seguindo para as salas Kandinsky e Woolf, lá está "Viver é Lutar", de Ale Maia e Pádua (BR). Em grandes formatos, que não pecam por falta de minuciosos detalhes, o artista mergulha na linha do tempo da Confederação dos Tamoios, ilustrando em habilidosas pinturas digitais a revolta da nação Tupinambá - tribo indígena brasileira - contra os colonizadores portugueses.

Na escadaria da Fábrica, temos a dupla The Green Creators, formada por Marta Sande Castro (PT) e Despina Kenteroglou (GR). Os dois trabalhos expostos fazem referência às peças de tapeçaria. Inteiramente produzidas com upcycling, técnica de reciclagem, as obras são fruto de uma parceria criativa que procura experimentar e conectar harmoniosamente o artesanato tradicional com novas técnicas mistas.

Logo acima, é possível fazer uma imersão no padrão glitch da série "Tupi Ink", de Kalil Gaby (BR), ocupando o espaço da sala Beauvoir com pinturas e instalações tridimensionais que parecem expandir-se epidemicamente aos restantes móveis e objectos que fazem parte do cenário, prestes a tomar conta de tudo.

A seguir para a Arendt, deparamo-nos com "Refugiados", de Rosarlette Meirelles (BR), uma exposição de pinturas dedicadas às figuras que a crise migratória continua crescentemente a atingir.

Finalizamos com as delicadas aquarelas de Diana Rogagels (PT) em "Como Desenhar um Círculo Perfeito"v, na sala Michel Foucault. Numa série de tentativas para realizar imagens que só existem no inconsciente.

Todas estas exposições estarão cá para serem contempladas até o dia 26 de Outubro.





Clique nos títulos para ver
audiovisuais exclusivos das exposições

- Tupi Ink de Kalil Gaby.
(Vídeo por Vito Soares)

- Viver é Lutar de Ale Maia e Padua.
(Vídeo do artista)

- Entrevista The Green Creators.
(Vídeo por Vito Soares)


31 OUT
20H
FIESTA DE LOS MUERTOS
FÁBRICA BRAÇO DE PRATA
ALTAR . COMIDA MEXICANA . CONCERTOS . DANÇA
BRACODEPRATA.COM . EVENTOSFBP@GMAIL.COM
RESERVAS JANTAR: 968 599 969 – 965 518 068

CALAVERAS AO ALTO: CELEBREMOS A MORTE

POR RITA LOPES

A morte traz sempre uma perturbação profunda não só às consciências individuais como à vida das sociedades e suscita grande proliferação simbólica que se desdobra em todas as dimensões da vida social incluindo as que lhe parecem mais opostas como o sexo, a fecundidade ou a alimentação. Algumas sociedades como as da Melanésia, ou neste caso o México, manifestam particular exuberância nas representações da Morte e na celebração dos rituais fúnebres.

O que nos diz o sorriso da calavera Mexicana? Não é estranho ver um símbolo carregado de tanta simbologia negativa a ostentar trejeitos de felicidade? E que dizer dos esqueletos coloridos, dos pequenos altares com caveiras e das ossadas vestidas de noiva e santificadas com o traje que faz delas a Santa Muerte? Por toda a parte esta iconografia exalta a visibilidade pública da morte entre o macabro, a transfiguração new age e uma espécie de Halloween excunjuratório de pavores escatológicos?

A atitude mexicana em relação aos mortos tão visível nessa festa transmite com a sua vivacidade uma atitude que contrasta, ou é até oposta, ao peso sombrio que colocamos na morte e na nossa celebração do Dia de Finados.

A calavera, símbolo mais emblemático do folclore mexicano, ri-se com todos os dentes para todos as que a vêm. Aqui, a morte não se esconde e revela-se até publicamente a todos que a vêm ver e até comer feitas em açúcar.

A sua face é colorida e está coberta de flores que exprimem alegria, porque para os Mexicanos a morte não tem que se lamentar e pode até ser celebrada. O que vemos como um fim é considerado nas sociedades Sul Americanas um reinício, o recomeçar de um ciclo que é a vida de todos nós.

O folclore americano é rico em contos e lendas que explicam a origem da morte. Esta é retratada como o mecanismo que permite a continuidade da vida humana, introduzindo a cada geração as mudanças que nos permitem existir enquanto comunidade e indivíduos. Este tema está bem presente na mente dos mexicanos, que veem aqui uma celebração de novas vidas, que propagarão a memória dos seus antecessores explorando um eventual cruzamento de tradições pré-colombianas e cristãs dentro de uma identidade tensa que a colonização vincou.

Nesses contos, relata-se como os deuses viam com preocupação a abundância de vidas na terra, que mais e mais entravam em conflito. Quando já nem os homens estavam felizes, os deuses agiram e tiraram à humanidade a capacidade de se reproduzir. Contudo, os homens não ficaram satisfeitos, pois deixaram de ter o riso dos mais novos para se alegrarem. Em alternativa, os deuses devolveram-lhes esse direito, mas deram-lhes também a morte. Alguns desapareciam para que o seu mundo pudesse sempre rejuvenescer.

Assim, torna-se claro que os mais novos crescem sobre as vidas dos que os precederam, e o dia de los muertos vai também servir para honrar os antecessores. É uma festa dirigida a eles, festa que segundo a mitologia local tem lugar no dia em que se abre uma porta para o submundo e os antepassados se juntam aos vivos para celebrar. Estes oferecem-lhes a comida e bebida que preferiam em vida, perpetuando a sua memória e trazendo um pouco de si aos que ficaram partilhando o cheiro e o sabor de festas do passado, que não querem esquecer.

"Lembra-te de mim" é o mote da festa do dia de los muertos.

As calaveras têm assim mais do que motivos para celebrar, e daí as feições de alegria perante a festa que os recebe.

Celebremos por isso a morte, pois cada noite que acaba é o início de um novo dia.



EM EQUIPA QUE SE GANHA TAMBÉM SE MEXE

POR RAQUEL LIMA & SILVIA REBELO

A entrada do Outono e da Primavera marcam a mudança de sabores na cozinha desta casa. Chega Agosto e o chef Domato já começa a borbulhar: «Temos de manter os nossos petiscos portugueses, com toque caseiro de sempre, mas temos de incluir o carácter cosmopolita da cozinha europeia». Depois de muitos apontamentos, rascunhos e rabiscos, testes, degustações e uma equipa muito feliz durante as provas, sai a decisão de quais serão os novos elementos no menu.

À equipa dos hambúrgueres, da qual já faziam parte o Agricultor (que usa o tofu em substituição da tradicional carne moída), o Pescador (que tem como base o bacalhau) e o famoso Operário (uma exuberante dupla carne de vaca, entremeada por fiambre e queijo, com maionese de alho, mostarda ancienne, tomate cherry e cebola frita), Domato junta agora o Marisqueiro, uma justa
homenagem a um dos mais saborosos frutos do mar - o camarão – que vem acompanhado com ovo cozido, croutons e pimentos em cama de rúcula, com tomate cherry e cebola frita regado com queijo-creme e lima-limão.

Também as Tábuas têm novidades: na Tábua de Carnes, a harmonia dá-se entre uma mista de chouriços assados, as novas bolinhas de presunto em bechamel, a tempura de frango, os torresmos, e as afamadas moelas Nietzsche, uma receita dedicada ao próprio filósofo. Já a Tábua Vegan recebe um novo tofu fumado, ao lado dos já conhecidos hummus e tapenade.

A lista de Petiscos também cresce com as novas Bolinhas de Presunto e Bechamel inspiradas na vizinha Espanha e com a sua versão vegetariana de Tofu. Cresce também com uns fabulosos Lombinhos de Porco com Bechamel, Presunto e Cogumelos, uns Daditos de Tapioca (que vieram inspiradas nas novas Noites do Chorinho de terça-feira) e o Seitan no Forno com Bechamel de Cogumelos que amplia as opções vegetarianas da casa.

Não vamos abandonar este artigo sem falar do melhor: as sobremesas. O irresistível Cheesecake FBP, o best-seller que ousa conjugar o doce de leite com a manteiga de amendoim, ganha um concorrente - a Tarte Gelada de Tapioca e Coco - uma iguaria que reúne o sabor ligeiro da tapioca aos intensos leite condensado, canela e coco.

Estas são as novas propostas do chef Domato para dar frescor ao palato dos “operários” desta Fábrica. Precisam vir provar antes que ele comece outra vez a imaginar novas conjugações e as antigas desapareçam.

AGENDA DE OUTUBRO

dia 1

Noites do Chorinho

dia 2

Tradballs

Bossa&Morna

dia 3

Inauguração Colectiva das Exposições de Outubro

Aulas "Improvisação Dirigida" Poliana Tuchia

Landscape apresenta documentário "Paraíso Xibalba"

Victor Zamora Trio + Jam Session

Malícia Sessions

dia 4

Jam de Aniversário do Paleka

Léo Fressato

Stand Up Philosophy com Nuno Nabais

Ricardo Pinto Quinteto

Captain Boy

Projecto Bug

Gonçalo Sousa 4to

dia 5

Ws Somaterapia

Lançamento de revista LOTE

Lancamento livro Roberto Machado

Derico & Trio Brasa Gente

Guida Scarlatty

Camila Masiso

Tercio Borges

dia 7

Noites do Fado

dia 8

Noites do Chorinho

dia 9

Curso de Filosofia Contemporânea com Roberto Machado

Tertúlia Trad

Dámian Lemes

Afrogame Experience

dia 10

Victor Zamora Trio + Jam session

Malícia Sessions

dia 11

Stand Up Philosophy com Nuno Nabais

Cordel

Diogo Caetano Trio

Sin Salsa No Hay Paraíso

Mou Brasil

Original Bandalheira

dia 12

FELA DAY 2019

Karlos Rotsen

Chalo Correia

Carapaus Afrobeat

They Must be Crazy

Celeste Mariposa

dia 14

Noites do Fado

dia 15

Noites do Chorinho

dia 16

Tradballs

Bossa&Morna

Curso Livre de Filosofia Contemporânea
com António Bracinha Vieira

dia 17

Jam session

Malícia Sessions

dia 18

Stand Up Philosophy com Nuno Nabais

Quinteto Braço de Prata

Nilson Dourado

Dandara

Não Simão

dia 19

Ricardo Pinto Convida

Guida Scarlatty

Bruno Aguilar Duo

Luís Mera Trio

dia 21

Noites do Fado

dia 22

Noites do Chorinho

dia 23

Tradballs

Victor Zamora e Diego El Gavi

Curso Livre de Filosofia Contemporâea com Francisco Louçã

dia 24

Jam session

Malícia Sessions

dia 25

Stand Up Philosophy com Nuno Nabais

João Coelho e Marta Garrett

Erika Machado

Martin Zlotnick

Havana Way

dia 26

Lisboa Dub Club

João Roque

Nicole Eitner com convidados

Kiko Klaus

Guida Scarlatty

Júlio Brechó - Show Semente

Sérgio Pererê

dia 28

Noites do Fado

dia 29

Noites do Chorinho

dia 30

Tradballs

Bossa&Morna

Caetano

dia 31

FIESTA DE LOS MUERTOS 2019

Espirito Nativo

Chalo

Los Cavakitos

G-Combo

FICHA TÉCNICA

DIREÇÃO: NUNO NABAIS

COORDENAÇÃO: SILVIA REBELO

EDIÇÃO: FELIPE RAIZER

VÍDEOS: VITO SOARES

COLABORADORAS:

ANITA PINTO

RAQUEL LIMA

RITA LOPES